

## Apresentação

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.28662>

Este número especial da Revista *LaborHistórico* traz à cena um conjunto de trabalhos cujos autores foram orientados por Célia Regina dos Santos Lopes. Célia Lopes mantém, em trinta e seis anos de vida acadêmica, um intenso ritmo de estudo e trabalho na Faculdade de Letras da UFRJ. Passou, entre os anos de 1983 e 1987, pela Graduação em Letras (Português-Literaturas). Concluiu, entre os anos de 1990 e 1999, a sua Dissertação Mestrado (1990-1991) e a sua Tese de Doutorado (1994-1999), ambas vinculadas, no âmbito da Pós-Graduação em Letras Vernáculas, à linha de pesquisa Língua e Sociedade: Variação e Mudança. Ainda nos anos 80, mais precisamente entre os anos de 1987 e 1994, assumiu as atribuições vinculadas ao cargo de Técnica em Assuntos Educacionais na Sub-Reitoria de Pessoal da UFRJ, passando a atuar, a partir de 1994, como Professora Universitária da Faculdade de Letras da UFRJ vinculada ao Departamento de Letras Vernáculas. Entre os anos de 1994 e 2019, Célia Lopes tem a sua trajetória acadêmica marcada não só por publicações de livros, capítulos de livros e artigos em renomados periódicos científicos no Brasil e no exterior sobre questões voltadas para a morfossintaxe do português, sociolinguísticas variacionista e histórica, história da língua e para a interface mudança/percepção, mas também pela condução da formação de 20 mestres e 9 doutores. Atuou, por dois mandatos (2005 a 2007; 2011 a 2013), como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, lutando vigorosamente para consolidar o seu nível de excelência. Em 2019, a Professora Célia Lopes passou pelo processo de análise da sua carreira na UFRJ, o que a levou a sua tão merecida promoção ao cargo de Professora Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ.

Célia Lopes sempre trilhou e continua a trilhar uma trajetória acadêmica movida pelo intuito de conduzir, com muita seriedade, as suas análises voltadas principalmente para aspectos linguísticos em variação e mudança no português brasileiro. Ao perfil dessa genuína pesquisadora, acrescenta-se também o seu generoso desejo por multipliar o conhecimento através da sua brilhante atuação como

professora de língua portuguesa. Sem dúvida alguma, os autores dos trabalhos deste volume da *LaborHistórico* são frutos da generosidade intelectual da Professora Célia Lopes que *pari passu* despertava em seus alunos-orientandos o desejo pela pesquisa na Universidade, apaixonando-se também com eles pelos seus objetos de estudo, deixando-os livres para descobrirem e perseguirem os seus próprios encaminhamentos de análises linguísticas.

Este número especial da *LaborHistórico* em homenagem à Professora Célia Lopes traz as contribuições de seus ex-orientandos, em distintos níveis (Doutorado e Pós-doutorado) que atuam, em sua maioria, como pesquisadores vinculados a distintas Universidades, dentre as quais têm-se as seguintes: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal Fluminense e University of Freiburg. A estruturação deste volume composta por doze (12) textos está conduzida por três seções, quais sejam: Artigos, Fontes Primárias e Conferência. Passa-se, a seguir, à sumarização desses textos em suas respectivas seções.

Para iniciar a síntese deste conjunto de trabalhos, mais especificamente dos trabalhos que fazem parte da seção *Artigos*, traz-se o texto de Márcia Rumeu intitulado “A inserção do *você* no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.24395>). Neste artigo, a autora propôs a discussão do encaminhamento histórico da implementação do *você* no sistema pronominal do português brasileiro e o seu reflexo nas estruturas imperativas de 2SG com base em uma análise metodologicamente orientada pelos princípios da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012) e embasada em um conjunto de missivas históricas produzidas por cariocas cultos entre os anos 1860 e de 1980. A autora comprovou não só o fato de o contexto do *você-sujeito* ter acompanhado as construções de imperativo supletivo, mas também a questão de as cartas mistas (cartas de alternância *tu/você*) terem funcionado também como um contexto que tende a influenciar moderadamente o imperativo abrasileirado (DINIZ, 2018). Nesse sentido, a autora comprovou tratar-se da expressão de uma mudança internamente encaixada no sistema linguístico conforme previsto por Lopes (2007) acerca das repercussões da inserção do *você* no paradigma pronominal do português brasileiro.

No artigo intitulado “O português falado em Nova Iguaçu: proposta de constituição de uma amostra de língua oral” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25359>), produzido por Juliana Barbosa de Segadas Vianna, a autora propõe-se a apresentar a organização do banco de dados do Projeto *Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística* composto por entrevistas de língua oral coletadas entre informantes nativos do município de Nova Iguaçu. Orientada não só pelos intuítos de possibilitar pesquisas futuras no âmbito da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV, 1972), mas

também de permitir o diálogo com outros projetos estabelecidos no Estado do Rio de Janeiro, a autora observou a carência de bancos de dados organizados de acordo com a metodologia laboviana.

Em “O papel das TDs em cartas na caracterização do sistema de relativização do PE nos séculos XVII e XVIII” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.24407>), Bianca Graziela Souza Gomes da Silva conduziu a discussão sobre as estratégias de relativização no português europeu com base em cartas dos séculos XVII e XVIII, produzidas respectivamente pelo Padre Antônio Vieira e pelo Marquês do Lavradio, buscando analisar também o papel das tradições discursivas (KABATEK, 2006) em construções relativas padrão de sintagma preposicionado. Em síntese, a autora constatou que as estruturas relativas de sintagma preposicionado dos portugueses em questão evidenciam principalmente formas fixas representativas das partes introdutória e de despedida do gênero textual “carta”.

No artigo “O estudo da variação *teu/seu*: atuação do fator grau de parentesco” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25091>), Rachel de Oliveira Pereira Lucena propõe-se a discutir a variação entre as formas simples de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/tua/seu/sua*, diacronicamente, no português brasileiro, buscando explicar, com base na análise de cartas pessoais cariocas oitocentistas e novecentistas, a motivação dessa variação, à luz dos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968) e da Teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960) e, em especial, o comportamento do possessivo *seu*. Os resultados dessa discussão evidenciaram não só o nível da variação dos possessivos *teu/seu* em um lapso temporal de 100 anos (1870-1979), mas também o desenvolvimento tímido, ainda que contínuo, do pronome *seu* como estratégia de referência à segunda pessoa.

Em ““Esta humilde e fraca pena” registra a tradição das cartas de amor do casal N e Z (1949)” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25536>), Valéria Severina Gomes expõe a discussão sobre as tradições discursivas produtivas em cartas de amor trocadas por um casal pernambucano na primeira metade do século XX. Conduzida pela abordagem das tradições discursivas em relação às noções de proximidade comunicativa (KOCH; ÖESTERREICHER, 2007, 2013) e de tradicionalidade temática, composicional e dos modos de dizer (LONGHIN, 2014), a autora evidenciou, tendo em vista a amostra de cartas amorosas em cena, as tradicionalidades temática, composicional e dos modos de dizer como especificidades do propósito comunicativo da carta de amor.

No texto “A trajetória de mudança dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1990)” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.26660>), Izete Lehmkuhl Coelho propôs-se a mapear os pronomes de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) na posição de sujeito com base na produção escrita de cunho pessoal confeccionada por escreventes catarinenses entre 1880 e 1990. Conduzida pelos princípios da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) que,

por sua vez, estão fundamentados nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1994), a autora chegou, de um modo geral, à constatação de que a inserção do *voce* se deixa evidenciar, em território catarinense, mais lentamente, concorrendo com o conservador *tu*, ainda que este seja muito mais produtivo na expressão oral dos falantes de Santa Catarina.

No trabalho intitulado “A história das interrogativas parciais *in-situ* no português brasileiro em uma perspectiva baseada no uso” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.23614>), Malte Rosemeyer trata das mudanças nos contextos discursivos e nas funções das interrogativas parciais *in-situ* no português brasileiro. Com base na análise de peças de teatro produzidas entre 1800 e 2016, o autor constatou a necessária distinção relacionada às interrogativas parciais *in-situ* que dependem ou não sintaticamente do contexto anterior. Ainda que todos os tipos de interrogativas parciais *in-situ* tenham sofrido um aumento nos seus índices de produtividade, ficaram restritas às interrogativas sintaticamente autônomas como *ela foi pra onde?* [V Wh], uma mudança nas suas funções discursivas típicas. Nesse sentido, a interpretação proposta pelo autor é a de que essa mudança tenha os seus limites restritos ao gênero textual “peças de teatro”.

Em “Norma padrão *versus* norma culta: o uso dos pronomes átonos de terceira pessoa *o(s)* e *a(s)* como objeto indireto no português brasileiro” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.25544>), Ana Paula Antunes Rocha apresenta evidências que sustentam a proposta de os clíticos *o(s)*, *a(s)* em contexto de objeto indireto sustentarem uma pauta para futuros estudos linguísticos. Nesse sentido, a autora parte de dados dos clíticos pronominais *o(s)*, *a(s)* em função dativa produzidos por usuários letrados do português brasileiro, o que não só justifica, mas também põe em relevo essa proposta da análise em relação à descrição do quadro pronominal do português brasileiro e à confecção de materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa a falantes nativos do idioma e, até mesmo, ao ensino de português como 2ª língua.

Na seção *Fontes Primárias*, estão publicados três trabalhos que versam sobre a edição de fontes históricas relevantes ao estudo da língua portuguesa em distintos momentos e espaços. No texto intitulado ““Quando quiser carta escreva, esta vale por 5”: correspondência de Brandão Neto ao embaixador Heitor Lyra” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.27736>), Janaina Pedreira Fernandes de Souza trouxe a público parte da produção escrita da família Soares Brandão vinculada ao Fundo “Família Carvalho Soares Brandão” sob a guarda do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A autora apresentou, aos leitores da *LaborHistórico*, a edição semidiplomática de uma missiva pessoal (carta de amizade) produzida, no terceiro quartel do século XX, por Francisco de Carvalho Soares Brandão Neto ao embaixador Heitor Lyra.

Em “Quatro cartas da emigração portuguesa na década de 1950” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.27486>), Rafael Rodrigues da Silva Cardoso expõe a sua

edição diplomática de quatro missivas privadas produzidas, entre 1950 e 1957, por imigrantes portugueses em suas redes familiares de relações interpessoais. A proposta do autor é a de jogar luz sobre textos que podem subsidiar futuras análises cujo entrelaçamento entre o linguístico e o social é factível e bastante promissor, podendo assim em muito contribuir para a compreensão da dinâmica das histórias sociais do Brasil e de Portugal à luz da visão dos imigrantes portugueses.

No trabalho intitulado “Histórias que as cartas pessoais contam: notícias de um casamento” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.27031>), Letycia Dias Mallet expõe a edição semidiplomática de uma carta familiar produzida por uma missivista mineira (Fundo documental Didola), na segunda metade do século XX (1967). A autora divulga o seu trabalho de edição de uma carta pertencente a um conjunto de missivas produzidas por escreventes não-ilustres cujas redes sociais estão consubstanciadas principalmente na região sudeste do Brasil, desde a 1ª metade do século XX até a década de 80 do século XX, ilustrando fontes primárias para futuras e profícuas análises linguísticas cuja interface com o social também é, como os demais trabalhos com fontes primárias, preeminente.

Apresenta-se, na seção *Conferência*, o texto intitulado “A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação” (<https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.28661>) cuja autoria pertence à homenageada deste volume especial da *LaborHistórico*: a Professora Célia Lopes. A discussão da autora passa principalmente pela questão da *avaliação/percepção* que falantes do PB e do PE assumem do emprego de *tu* e *você* com base na análise dos resultados de um experimento promovido no Rio de Janeiro e em Lisboa no sentido de comprovar a hipótese de que a variante *sujeito nulo* (verbo na 3ª pessoa do singular) não é uma correlata da variante *você + verbo* no PE. À luz dos pressupostos da metodologia experimental (DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015), a autora entende, em termos gerais, que as distintas interpretações dos usos tratamentais nas duas variedades/línguas são motivadas não só por valores sociopragmáticos e históricos respectivos às terras d'além mar e d'aquém mar, mas também por uma questão específica da gramática das duas línguas.

Para finalizar esta brevíssima apresentação, ressaltamos que a diversidade temática das análises linguísticas expostas neste Número Especial da *LaborHistórico* é resultado dos trabalhos desenvolvidos e/ou em desenvolvimento por uma parte dos alunos-orientandos da Professora Célia Lopes a quem deixamos registrado o nosso *Muito Obrigado/a!*

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Leonardo Lennertz Marcotulio (UFRJ)

Márcia Cristina de Brito Rumeu (UFMG)

*Os organizadores*